

ACM e Jader acertam “recomposição”

Acordo não é formal, mas representantes das duas partes admitem a existência de negociações

BRASÍLIA – Não há papel assinado nem tampouco houve uma reunião formal entre o presidente do Senado, Jader Barbalho (PMDB-PA), o senador Antonio Carlos Magalhães (PFL-BA) e os líderes da base governista para pactuar um “acordão”. Apesar disso, e a despeito das negativas de todas as partes, representantes de cada grupo admitem nos bastidores um acerto geral,

chamado de “recomposição”. O presidente Fernando Henrique Cardoso nega envolvimento do Palácio do Planalto em qualquer acordo, apesar de saber de participação tuca na nas articulações.

“Este é o tipo do acordo que dispensa até conversa para as pessoas se entenderem”, disse um interlocutor de Jader que acompanhou as articulações discretas entre partidários de ACM e peemedebistas ilustres. “São as circunstâncias que aproximam todo mundo, porque todos querem ser salvos das dificuldades”, afirmou um carlista. A “recomposição” permitiria aos

aliados a retomada do comando do processo político, que estava nas mãos da oposição, que conseguiu levar a CPI da Corrupção ao Congresso.

Conclusão – Amigos de Jader e ACM insistem em que não foi preciso selar nenhum pacto para pôr fim às agressões, “simplesmente porque os dois concluíram que poderiam acabar vítimas do fogo alheio se alimentassem com muita lenha a fogueira que queimava o

adversário”. Somou-se a isto o sentimento de que a CPI seria tão danosa para o governo agora quanto para seus aliados em 2002. “Não ia sobrar ninguém depois desta história”, diz um peemedebista.

Um articulador do Planalto avalia que o governo montou uma “operação de guerra” efi-

ciente para barrar a CPI, mas a grande ajuda foi dada pela própria oposição, que criou uma conjuntura favorável. “A oposição cometeu muitos erros, e um deles foi precipitar-se na apresentação do requerimento”, disse o líder do PFL na Câmara, Inocêncio Oliveira (PE).

Eles avaliam que o equívoco da oposição foi ter trabalhado a CPI ao mesmo tempo em que ACM é julgado pelo Conselho de Ética do Senado. Assim, quando o gover-

no se viu em apuros e decidiu pôr em ação sua força-tarefa para livrar-se da CPI, acabou envolvendo Jader e ACM na tese da recomposição da base.

Os líderes de oposição acusaram o golpe. “Apesar das juras em contrário, eu sinto de novo um cheiro de pizza no ar e acho que as forças políticas da base selaram o acordão”, resumiu o líder do PPS no Senado, Paulo Hartung (ES). “A repercussão na opinião pública será um desastre, mas avalio que eles estão dispostos a pagar o preço”. (C.S.)

 **OBJETIVO**
É RETOMAR
COMANDO
POLÍTICO

O colunista Luis Fernando Veríssimo está em férias. Sua coluna voltará a ser publicada no dia 23.